

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

JALINE NUNES EUFRASIO

**A EXPERIÊNCIA E OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO ESTÉTICA E SENSÍVEL DE
PROFESSORES DE ARTES VISUAIS**

CRICIÚMA

2016

JALINE NUNES EUFRASIO

**A EXPERIÊNCIA E OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO ESTÉTICA E SENSÍVEL DE
PROFESSORES DE ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Prof.^a Orientadora: Dra. Aurélia Regina Honorato.

CRICIÚMA

2016

JALINE NUNES EUFRASIO

**A EXPERIÊNCIA E OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO ESTÉTICA E SENSÍVEL DE
PROFESSORES DE ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 24 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Aurélia Regina Honorato - Doutora- (UNESC) - Orientadora

Prof. Ma. Édina Regina Baumer - Mestra - (UNESC)

Prof. Me. Marcelo Feldhaus - Mestre - (UNESC)

**Dedico meu trabalho a minha mãe D. Janete
Nunes Eufrasio que foi sempre a minha fonte
de inspiração, garra, determinação e fé.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer minha mãe que sempre acreditou em mim e que me mostrou o encantamento e o significado de ser professor. Agradecer aos professores que tive desde o pré-escolar até o ensino médio, e agradecer ainda mais aos professores que tive na minha graduação dizendo que tenho um pedacinho de cada um de vocês dentro de mim para sempre, e que todos têm muita influência sobre a pessoa e a profissional que eu estou me tornando. Agradecer a UNESCO por todos os espaços de experiência que proporcionou para minha formação, e tenham certeza que procurei aproveitar ao máximo. Ao setor Arte Cultura por me deixar fazer parte dessa equipe maravilhosa, ao Coral da UNESCO e a Cia de Dança UNESCO por me proporcionarem momentos incríveis culturalmente e por contribuírem com minha formação em Artes Visuais.

Agradecer em especial a Professora Edite Volpato Fernandes que foi a minha primeira coordenadora e por quem os meus olhos brilharam e brilham; a Professora Édina Regina Baumer que está ao meu lado desde o começo da graduação, como professora, como coordenadora, colega e amiga, e dizer que, se eu inspirar meus alunos, assim como ela me inspira ficarei ainda mais realizada pois a admiro muito. A minha orientadora Professora Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato que me mostrou que sim devemos ter um brilho no olhar ao falar sobre a nossa profissão e sobre as nossas experiências com arte, e de sempre acreditar no meu potencial.

E agradecer também às colegas Jheniffer de Oliveira Pereira, Sheila de Souza Brigido e Ana Paula Ferreira Sena, que além de colegas na graduação participaram comigo em diferentes projetos. Vocês são excelentes companheiras para os estudos.

“[...] fazendo arte, a pessoa usa o corpo, sua percepção, seus conceitos, sua emoção, sua intuição [...]”

Luis Camargo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a experiência e seu papel na formação docente e na ampliação do olhar sensível do professor e da professora de Artes. Na busca de trazer para um debate teórico as questões apresentadas desenvolvo uma pesquisa bibliográfica e autobiográfica sustentada pela A/r/tografia que trata de uma pesquisa viva, que não fala de mim, mas sim a partir de mim e das experiências no caminho da formação como professora de Artes Visuais. No referencial teórico apresento uma conversa sobre a experiência como espaço e lugar de transformação, sobre nossa posição e entrega como profissionais em formação e o quanto nos dedicamos a investir em caminhos para que a experiência nos aconteça. Alguns dos autores que me acompanham neste percurso são John Dewey, Jorge Larrosa Bondía, Aurélia Honorato, Gabriel Perissé, Célia Maria de Castro Almeida, Marilda Oliveira, Fernando Hernández, Célia Almeida, Miriam Celeste Martins, Gisa Picosque, Maria Terezinha Guerra, Rosa Iavelberg. A pesquisa busca mostrar como a experiência na graduação, aqui em especial em Artes Visuais, é importante para a formação sensível, estética e humana dos futuros professores e professoras. Apresento conceitos de arte, educação e formação no ensino da arte na perspectiva de termos respeito por nossa área de atuação, assim como estimular o pensamento sobre práticas de ensino que mostrem como nossa formação deve ir para além dos conteúdos promovendo significação e deixando evidente a dimensão de uma formação profissional marcada pelo desejo e pelas conquistas de territórios inimagináveis.

Palavras-chave: Ensino da Arte. Experiência. Formação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Chaplin e a Bailarina	21
Figura 2 - Bailaoras de uma flor	22
Figura 3 - Projeto Cultura Afro.....	28
Figura 4 - Livro Escultura	30
Figura 5 - Meu amor é a?	33
Figura 6 - Paixão por ser professor	35

SUMÁRIO

1 PRIMEIRA LOCALIZAÇÃO: A PESQUISA.....	12
1.1 LOCALIZANDO O PERCURSO METODOLÓGICO.....	14
2 SEGUNDA LOCALIZAÇÃO: A ARTE E EU.....	18
2.1 LUGARES ESPECIAIS DE FORMAÇÃO.....	22
3 TERCEIRA LOCALIZAÇÃO: ATELIÊS COMO ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIA ...	30
4 QUARTA LOCALIZAÇÃO: FORMAR-SE NÃO É APENAS INFORMAR-SE.....	35
5 QUINTA LOCALIZAÇÃO: UM PROJETO DE CURSO	39
6 PONTOS DE ENCONTRO SOBRE ESSA VIAGEM	42
REFERÊNCIAS.....	45

1 PRIMEIRA LOCALIZAÇÃO: A PESQUISA

Um dia procurando algo que me ajudasse a reforçar minhas convicções de que somos responsáveis por nossa formação, como pessoas, profissionais, seres sensíveis, achei em um site uma frase de Leandro Vieira que é Mestre em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Certificado em Empreendedorismo pela Harvard Business School, que diz: “Você pode estudar na melhor universidade do mundo, pode ter à sua disposição os melhores recursos e pode até contar com os melhores professores. Sem ralar, meu amigo, de nada adianta”.¹

Esta frase veio ao encontro de um aspecto muito importante, a meu ver, que é o de que devemos ter consciência ao escolhermos uma profissão, assim como de qual é o nosso papel nessa escolha. Falo aqui especialmente de ser professor e professora, uma profissão que possui uma grande responsabilidade na sociedade.

Esta visão também me foi mostrada no Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Ali aprendi o quanto a arte é transformadora e fundamental na vida das pessoas, pois está inserida em nosso cotidiano e aprendendo desde muito cedo a reconhecê-la como tal, passamos a ter melhor leitura de mundo.

Quando entrei no curso confesso que não tinha tamanho entendimento, mas fui aprendendo com os professores e professoras, que nos mostraram caminhos, que quem deve querer realmente é cada um de nós.

Meu professor Daniel Vieira, de Desenho de Observação², dizia que temos que ser os melhores no que fazemos. Palavras ditas na primeira fase e seguidas em todos esses anos de curso, realmente se nos dedicarmos à nossa formação receberemos como recompensa, a satisfação profissional e o sentimento de realização plena. Assim quando na aula de Apreciação Estética questioneei a professora sobre minha nota que não era ruim, mas acreditava que o trabalho estava bom para uma nota maior, ela respondeu que eu tinha tirado

¹(<http://www.administradores.com.br/artigos/academico/voce-e-o-unico-responsavel-pela-sua-formacao-e-pelo-seu-destino/77394/>)>Acesso em 17 de maio de 2016.

² A disciplina Desenho de Observação faz parte da matriz curricular nº 4 do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

nota oito porque não havia me dedicado completamente e que sabia que eu podia fazer melhor, ou seja, naquele momento a professora estava acreditando no meu potencial mais do que eu mesma. Essa resposta só reforçou o meu pensamento de que o professor não está ali para nos avaliar e sim nos estimular a sermos cada vez melhores.

Um ponto que me incomodou desde o começo do curso foram falas e atitudes desacreditadas de alguns colegas de curso e que não deveriam vir de futuros professores. Se não estivermos totalmente dispostos e abertos a sermos lugar de transformação, o máximo possível nas aulas, como iremos promover mudanças em nossos futuros alunos?

Minha mãe desde muito cedo me mostrou que não se precisa muito para deixar a vida um pouco mais encantadora. Aprendi que podemos fazer muito desde que tenhamos criatividade e desejo. Eu sempre estava pronta para participar das atividades artísticas na escola, na igreja e no bairro, e ficava muito feliz em me sentir parte desse meio, fazia apresentações de dança, teatro, música e outros. E foi assim que fui me construindo professora de Artes.

(...) ao realizarem atividades artísticas, as crianças desenvolvem auto-estima, e autonomia, sentimento de empatia, capacidade de simbolizar, analisar, avaliar e fazer julgamentos e um pensamento mais reflexivo; também desenvolvem o senso estético e as habilidades específicas da área artística, tornam-se capazes de expressar melhor idéias e sentimentos, passam a compreender as relações entre partes e todo e a entender que as artes são uma forma diferente de conhecer e interpretar o mundo. (EISNER apud FERREIRA, 2001.p.14).

Vejo que a arte teve e ainda tem uma importância muito grande na minha formação, me proporcionando conhecer esse mundo sensível, ter um olhar diferenciado, e um sonhar sem limites. A partir das experiências que em mim passaram vejo que devemos apresentar as várias linguagens da arte para as crianças o mais cedo possível, pois isso fará diferença na construção de um olhar crítico e sensível.

Partindo deste contexto busco trazer para esta pesquisa, que considero como um caminho de reflexão, aquilo que me move como questionamento: Como a experiência constitui o professor e a professora de Artes? Qual o papel da experiência na formação de professores e professoras de Artes? Junto a estes questionamentos exponho outras questões que norteiam e me impulsionam neste caminho de investigação: O que se compreende por

experiência? Os professores e professoras de Artes em formação percebem as potencialidades presentes na universidade? Os alunos de Artes Visuais Licenciatura compreendem o espaço dos ateliês como espaços de possibilidades na formação de um professor propositor? São pensamentos, divagações que me fazem construir objetivos nesta ação de pesquisa. Um objetivo geral que se define por investigar o papel da experiência na formação de professores e professoras de Artes. E como específicos: construir conhecimento sobre os conceitos de experiência, educação e arte; a partir da minha experiência como professora em formação desenvolver pensamento e reflexão sobre as potencialidades presentes na universidade e sobre os espaços dos ateliês como espaços de possibilidades na formação. Estes questionamentos e objetivos me lançam aos caminhos e trilhas metodológicas.

1.1 LOCALIZANDO O PERCURSO METODOLÓGICO

Na busca de trazer para um debate teórico as questões apresentadas desenvolvo uma pesquisa bibliográfica e autobiográfica sustentada pela A/r/tografia, uma metodologia de pesquisa que propõe e dá possibilidades de reflexão sobre as intersecções da vida, da arte, da pesquisa e do fazer docente.

A a/r/tografia é uma metodologia de corporificação, de compromisso contínuo com o mundo: que interroga, mas que celebra o significado. A a/r/tografia é uma prática viva, uma vida criando experiência examinando nossa vida pessoal, política e/ou profissional (IRWIN; SPRINGGAY, 2013, p.147)

Por tanto se trata de uma pesquisa viva, que não fala de mim, mas sim a partir de mim e das experiências no caminho da formação como professora de Artes Visuais. Uma pesquisa que se integra a linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura³ e que compreende

[...] princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação.⁴

³ <http://www.unesc.net/portal/resources/files/615/NormasTCCLicenciatura.pdf>

Para a arena de debate trago autores como Dewey (2002), Bondía (2002) e Honorato (2015) para uma conversa sobre a experiência como espaço e lugar de transformação. Para Dewey

[t]oda arte envolve órgãos físicos, como o olho e a mão, o ouvido e a voz e, no entanto, ela ultrapassa as meras competências técnicas que estes órgãos exigem. Ela envolve uma idéia, um pensamento, uma interpretação espiritual das coisas e, no entanto, apesar disto é mais do que qualquer uma destas idéias por si só. Consiste numa união entre o pensamento e o instrumento de expressão. (DEWEY, 2002, p. 76).

Sendo assim a experiência não é puramente o fazer mais sim a reflexão e a transformação ou mudança que ela promove. Para Bondía “É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (2002, p.25). O autor faz uma reflexão sobre a pressa, sobre o tempo que disponibilizamos para que realmente a experiência nos aconteça, nos mude. E Honorato (2015), em sua tese, complementa meu pensamento dizendo:

A meu ver o professor e a professora que tem a experiência com a arte é alguém aberto para a transformação, para a mudança. E essa mudança do professor, da professora na escola, tem potencial de mudar a escola e o aluno que está na escola que vai multiplicar essa mudança. (2015, p.15).

E justamente esse é um ponto importante na pesquisa, mostrar como a experiência na graduação, aqui em especial em Artes Visuais, é importante para a formação sensível, estética e humana dos futuros professores e professoras. Para Martins; Picosque e Guerra

A arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber. Tratar a arte como conhecimento é o ponto fundamental e condição indispensável para esse enfoque do ensino da arte, que vem sendo trabalhado há anos por muitos arte-educadores. Ensinar arte significa articular três campos conceituais: a criação/produção, a percepção/análise e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade, compreendendo-a histórica e culturalmente. (2010, p. 12).

E devemos ter muito respeito por nossa área e nos esforçar, para sermos excelentes profissionais, significa que temos que ter claro o que queremos na hora de planejar nossas aulas, e a postura que teremos frente a nossa formação. Para Perissé (2009)

[...]se aprender não for uma experiência humanizadora, para que servem a sala de aula, os livros didáticos, a ficha de chamada ou mesmo os atuais recursos tecnológicos a serviço da escola? Um professor que só sabe instruir não está suficientemente preparado para educar. (2009, p.41).

Essa citação nos mostra como nossa formação deve ir para além dos conteúdos, pois estes precisam ter significado e serem espaço de sentido tanto para o professor quanto para o aluno. Sobre isso Almeida nos diz que:

O trabalho com artes, em suma, proporciona às crianças a oportunidade de desenvolver sensibilidades que tornam possível o conhecimento estético do mundo e a expansão do repertório de habilidades e experiências estéticas que podem ser utilizadas para formar idéias e articular a expressão. Desde que respaldadas em práticas adequadas de ensino, requeridas para o desenvolvimento pleno das potencialidades dos alunos. (2001, p.32).

O autor nos deixa evidente a importância de nós, estudantes, termos uma boa formação e de estarmos sempre abertos às possibilidades e as diferentes formas de nos formar. Assim poderemos promover mudanças na educação de nossas crianças, afinal se tivermos consciência de que a mudança tem que começar em nós, enquanto professores e professoras em formação, possibilitaremos a transformação naqueles que passarem por nós.

Neste movimento de localizar-me e de localizar o leitor neste estudo apresento os capítulos construídos como pontos de achamento no percurso da formação docente e da construção de uma pesquisa que convoca cada um e cada uma a caminhar e se perceber.

Concebendo minha escrita como um mapa demarcado por territórios, que se entrecruzam, apresento os capítulos chamando-os de localizações. E para cada um acrescento um subtítulo que foca no território explorado, na superfície pensada, nos espaços construídos junto com os teóricos que me dão suporte e inspiração.

A primeira localização subintitula-se **A PESQUISA**, nela justifico meu lugar na investigação, meus propósitos e desejos, assim como situo o percurso metodológico escolhido. Na **SEGUNDA LOCALIZAÇÃO: A ARTE E EU**, conto como cheguei até a universidade e como a arte sempre esteve presente em minha vida, nela falo de minha infância e do papel da arte nela **E COMO A EXPERIÊNCIA É MEU LUGAR DE FORMAÇÃO**, pois é na experiência que reflito, que aprendo, que mudo, que me transformo. Na **TERCEIRA LOCALIZAÇÃO: ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIA** expresso sobre os espaços possíveis de experiência e que nos são proporcionados pelo curso, pelo campus, pela UNESCO e que para mim se constituem em **ESPAÇOS DE PENSAMENTO E TRANSFORMAÇÃO**. Na **QUARTA LOCALIZAÇÃO: FORMAR-SE NÃO É APENAS INFORMAR-SE** proponho uma reflexão sobre o papel da graduação na formação do professor e da professora de Artes Visuais. Um pensar sobre a necessidade de, depois de diplomado na graduação, continuar formando-se de diversas maneiras.

Uma caminhada que faço junto com cada um de vocês, leitores, buscando promover pensamento constante e a cada instante sobre a arte, seu ensino e seu lugar na vida de cada um de nós. Uma caminhada que apresento por meio da escrita e por meio das imagens que aqui se constituem também como narrativa.

2 SEGUNDA LOCALIZAÇÃO: A ARTE E EU

Lembro que em um dia de treino do *Grupo de Dança Soul Dance* que eu participava na Cidade de Içara - SC, minha amiga Jheniffer veio com uma super novidade, iria tentar uma bolsa para cursar a faculdade de Artes Visuais na UNESC e como ela sabia que era o meu sonho me convidou para embarcarmos juntas nessa viagem. Mas achei tudo muita loucura e até relutei achando que não ia dar em nada. Ainda bem que estava errada, fomos aprovadas, corremos com os papéis e entrevistas, e uma semana depois começamos a estudar na Universidade e esse grande sonho começou a se tornar realidade.

Pensei, no primeiro momento, estar preparada para tudo, comecei a pensar nas coisas que aprenderia, em quem conheceria e fui traçando um roteiro, e como ainda não conhecia nada do que a universidade podia me oferecer, pensei que trabalharia durante o dia e estudaria todas as noites.

Nessa época trabalhava na jardinagem com meu pai, e comecei a fazer chocolates para vender na faculdade, e já estava muito feliz e encantada com tudo que estava vivenciando. Na primeira aula me identifiquei muito com o curso e com os professores, cada dia era único e mágico para mim, eu via a diferença o esforço e satisfação a cada produção que desenvolvia. Martins fala e eu me vejo nesta reflexão:

Pelo poder da síntese da linguagem da arte, nossa sensibilidade capta uma forma de sentimento que nos nutre simbolicamente, ampliando nosso repertório de significações. Adquirimos um conhecimento daquilo que ainda não sabíamos e, por isso mesmo, transformamos nossa relação sensível com o mundo e as coisas do mundo. (MARTINS; PICOSQUE e GUERRA, 2010. p.39).

Uma reflexão que ainda hoje me faz ter certeza de que estava no lugar certo, e com a convicção de que ainda viriam muitas oportunidades e possibilidades pela frente que eu nem imaginava. Fui conhecendo os profissionais/professores do curso e suas qualidades e me encantando pelos seus modos de ensinar.

Sempre engajados em sua profissão de ensinar, nos estimulando, fazendo com que refletíssemos e, principalmente fazendo relações com o mundo, ampliando nosso olhar para fora das salas de aulas ou dos muros da

universidade e trazendo o melhor de mim. Desta forma fui querendo aprender cada vez mais com eles.

[...] a linguagem da arte nos permite ver o mundo mostrando-o de modo condensado e sintético, extrapolando o que é previsível e o que é conhecido. É no modo de pensamento do fazer da linguagem da arte que a intuição, a percepção, o sentimento/pensamento e o conhecimento se condensam. (MARTINS; PICOSQUE e GUERRA, 2010, p.39).

Sempre fui muito esforçada na maioria das coisas que me proponho a fazer, e com minha formação não poderia ser diferente. Minha mãe fez muito bem a lição de casa, me ensinou bem e plantou em mim a semente de gostar de aprender e de ensinar. Por isso a razão de ser professora, não é simplesmente algo que eu quero, é algo que eu sinto que faz parte de mim.

Lembro de, quando criança, colocar bonecas em cadeiras montar um palco e começar a contar histórias ou ensinar algo que tinha aprendido na creche ou na escola, assim como se fosse a professora delas, era tudo um grande faz de conta, mas era incrível como isso me deixava feliz.

A criação de espaços pela criança também é buscada com seus brinquedos e objetos. Está presente o jogo de construção. É hora de montar cabanas, de habitar espaços imaginários, de inventar e viver aventuras, expedições. A realidade é o ponto de partida para o imaginário. A narrativa dos acontecimentos também aparece como tema de suas produções em desenhos, pinturas e teatro. Cenas de guerra e paisagens contam fatos, expõem idéias e leituras sobre o mundo. (MARTINS; PICOSQUE e GUERRA, 2010.p.102).

A arte promove leituras sobre o mundo e vejo nesta experiência de infância o quanto tinha afinidade com a arte, suas linguagens e seus códigos. Neste ponto penso na potência da arte para as crianças e o quanto é necessário que elas tenham este contato desde muito cedo em casa e na escola, para que tenham chance de se tornarem adultos mais completos, sujeitos mais sensíveis, reflexivos, criativos, expressivos e críticos.

Cheguei no curso de Artes Visuais – Licenciatura sabendo o que eu queria e convicta em minha escolha, eu sempre procurei a arte nas mais variadas formas durante a minha infância e na adolescência. Na creche adorava o momento da contação de histórias, me cuidava para não pegar no sono e não ouvir o final da história, para isso sentava quase que deitada em almofadas sobre

um enorme tapete ao lado da professora. Era ali o meu lugar de imaginação.

Sempre muito ativa e incentivada pelas professoras a dançar, cantar e teatralizar, e claro que inspirada em minha mãe que, mesmo não tendo muito tempo para ficar com os filhos, fazia minutos virarem horas com suas brincadeiras e interpretações. Adorava quando no café da manhã fazia a bruxa. Ela pegava uma faca de pão bem grande e dizia com voz assustadora: *Era uma noite chuvosa, lá em cima do morro num castelo mal-assombrado, uma bruxa má, com um facão na mão, (cantando), passando manteiga no pão, passando manteiga no pão.* Fazia com que eu logo construísse um cenário com a minha imaginação.

O exercício da imaginação proporciona um olhar diferenciado e distanciado da realidade, capaz de vasculhá-la, investigá-la e criar diferentes possibilidades de compreendê-la. Ao imaginarmos diferentes possibilidades de sermos, estarmos, agirmos etc., podemos nos dedicar, no plano concreto, à busca de outras maneiras, talvez melhores, de viver e, dessa forma, colocarmo-nos em movimento à procura de melhores alternativas de realizações do que pretendemos. (VIANNA; STRAZZACAPPA, 2001, p. 117).

Na escola mantive essa imaginação e essa criatividade. Sempre muito esforçada, principalmente nas aulas de Artes onde sempre ficava muito amiga das professoras e dizia a elas que eu seria professora de Artes quando crescesse, elas achavam fofo e sempre apoiavam, principalmente porque eu não parava quieta, eu estava sempre inventando algo para fazer na sala ou na escola. Envolvia-me com desenhos, pinturas, músicas, danças, teatros, poemas e contação. Estas vivências e lembranças que trago se expressam na fala de Vianna e Strazzacappa (2001) que ressaltam: “A arte propicia igualmente o exercício da sensibilidade. A pintura, a música, a dança, a representação teatral, a escultura e tantas outras formas artísticas aguçam nossos sentidos e provocam sensações diversas nas pessoas”. (p. 117).

E na esteira desta existência, na adolescência participei de um grupo de dança folclórica, e em 2002 entrei para a *Cia de Teatro EnCeNa*⁵, onde (mais uma vez) me encontrei.

O teatro possibilita a vivência de outras identidades por meio da representação ou da criação de personagens. Nele, podemos vivenciar

⁵Cia de Teatro EnCeNa: grupo de teatro amador da Cidade de Içara – SC, onde participei de 2002 a 2004, depois mudou de nome para Cia de Teatro Façart, onde participei de 2007 a 2009.

momentos que pertencem ao cotidiano de outras pessoas. Podemos experimentar, por meio de uma reconstrução lógica, o desenvolvimento de uma história – real ou metafórica – que fale de cada um de nós, daqueles ligados a nós de alguma maneira, de amigos ou vizinhos, de nossos pais, de inimigos... Enfim, ao nos colocarmos no papel do outro, o teatro nos dá a possibilidade de conhecer melhor a nós mesmos e aos “outros” que nos rodeiam, e de aprender a abarcar as diferenças em vez de tentar eliminá-las. Pela arte de representar o outro, podemos refletir sobre quem somos e sobre o papel que representamos hoje neste nosso mundo. (VIANNA; STRAZZACAPPA. 2001, p.121).

No teatro buscamos em nós e nos outros: formas, memórias, jeitos; reinventamos histórias verdadeiras ou fictícias, vivenciamos, refletimos sobre a vida. Aprendi com o teatro a lidar com a depressão, o que, com toda certeza, mudou a minha vida, ele faz parte de quem eu sou, de onde eu estou, e de onde eu quero chegar. Seguindo a história, em 2009 começo a trabalhar com oficinas de teatro pela Prefeitura Municipal de Içara, em algumas escolas e na Casa da Cultura Pe. Bernardo Junkes. Até então eu só aprendia, e agora deveria ensinar; foram muitos pontos positivos e muitos pontos a serem melhorados, porém acho

Figura 1 Chaplin e a Bailarina



Fonte: <https://facebook.com/arteculturaunesc/fotos/a.200365770028036.52004.195901180474495/678802465517695/?type=3&theater>

que meus alunos sempre viram o esforço e empenho em dar para eles o melhor de mim. Esse é o meu sentimento mais precioso, minha responsabilidade diante da minha profissão, pois sei que depende de mim, de minhas escolhas dentro do curso, o que eu quero para mim enquanto futura professora de Artes visuais, e para meus futuros alunos. Trago aqui na figura 1 o registro de uma das muitas participações na recepção de calouros promovida pela universidade. Uma ação que corrobora com minha fala e meu posicionamento sobre a ampliação de repertório cultural e artístico e seu papel na formação do professor e professora de Artes Visuais. Oportunidades incríveis e insubstituíveis em minha formação.

2.1 LUGARES ESPECIAIS DE FORMAÇÃO.

Em meu trajeto formativo tive a oportunidade de fazer audição para a CIA de Dança da UNESCO incentivada pela professora Amalhene Baesso Reddig⁶ e fui aprovada, fiquei muito feliz, pois não queria parar de dançar e a CIA me permite aprender vários gêneros de dança, lá vivi e vivo momentos de alegria, amizade, respeito e trabalho em grupo, doar-se, tirar um tempo que te exige muito, mas ao mesmo tempo te dá prazer e te faz mais feliz. Cada nova coreografia uma surpresa e desafios ainda maiores, cada figurino uma expectativa, algo diferente, e a cada ensaio um entusiasmo por saber que faço parte dessa história. Aqui proponho uma reflexão a partir da figura 2 um gráfico que trago o questionamento do que vemos.

Figura 2 - Bailaoras de uma flor



Fonte: <https://www.facebook.com/unesc.oficial/fotos/a.184809208221268.34953.129444950424361/1000850573283790/tvpe=3&theater>

⁶Professora Amalhene Baesso Reddig, foi minha professora na disciplina de Metodologia e Pesquisa e é a coordenadora do Setor Arte e Cultura da UNESCO.

Na verdade, é um registro de uma dança, e poderia ser qualquer uma das alternativas, mas qual delas é mais visual que a outra?

O corpo é, em certo sentido, uma orquestra composta por vários instrumentos: braços, pernas, cabeça e tronco. Eles podem ser tocados isoladamente, como um solo, ou em combinações variadas. O bailarino trabalha com muito afinco para desenvolver a maior extensão possível de flexibilidade e expressão em todas essas partes. O espaço que cerca o bailarino torna-se sua tela. Ele pode desenhar nela e defini-la de muitas maneiras. O espaço interno de seu corpo lhe permite dar textura e qualidade à movimentação. (MARTINS; PICOSQUE e GUERRA, 2010, p.59).

Então o corpo pode ser um instrumento musical, um pincel, uma cor, uma sensação, ou até mesmo uma textura. A dança também me forma enquanto professora de Artes Visuais, sua efemeridade me mostra que por mais que eu dance a mesma coreografia, com os mesmos bailarinos, o mesmo figurino, no mesmo palco, ela nunca será a mesma. Ela me dá forma e me transforma. Com ela amplio minhas potencialidades criativas também nas outras linguagens. Ela me ajuda a refletir sobre mundo.

A felicidade que sinto a cada apresentação, a cada oportunidade de aprender a me expressar por meio dessa linguagem artística tão linda, é um sentimento que fica difícil de explicar. Só posso sentir.

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. (BONDÍA, 2002, p.26).

Isto é que sinto fazendo parte do curso de Artes Visuais e de tudo mais que ele e a UNESCO me proporcionam, uma profunda paixão, uma realização que se transforma em felicidade. Se me permitem trago aqui um poema autoral numa tentativa de viajarem comigo pensando em tudo o que a arte nos faz sentir.

Felicidade.

*É sentir-se sem saber
O que está ao certo
Sentindo.
Que não tem certo
Uma palavra de definição
A palavra certa seria
Inexplicável.*

*Nunca mais tinha sentido essa felicidade
Agora voltei a sentir
Só que com mais intensidade
Que das outras vezes.
E ela está se tornando
Cada vez mais concreta em meu coração.*

*Adoro sentir estas sensações
Que são provocadas por esta felicidade.
Meu corpo estremecer.
A timidez estampar-se em meu rosto
Se sentir privilegiada e acima de tudo amada.*

Então os professores foram me conhecendo, e quando amamos o que fazemos, as pessoas notam, fui convidada a fazer parte de projetos como “O Museu na escola” projeto de extensão do Museu da Infância da UNESCO criado em 2013, com o objetivo de levar um núcleo itinerante do Museu da Infância para as escolas, para que terem a oportunidade de conhecer seu acervo e seus projetos e sua importância e assim estreitar ainda mais os laços entre a Universidade e a comunidade. O projeto era desenvolvido em quatro etapas, 1º etapa uma conversa com a direção da escola, onde explicávamos sobre o projeto e definíamos as turmas e algum tema para a exposição, 2º etapa apresentação do Museu da Infância através da brincadeira do Boliche do museu (são garrafas pets de 2 litros decoradas e dentro delas estão imagens de alguns dos acervos do Museu da Infância da UNESCO), e que eles deviam adivinhar através de mímicas. Essa era uma das partes que eu mais gostava, pois, ver a criançada toda interagindo se divertindo e aprendendo com a gente era muito empolgante.

A criança está atenta e aberta às experiências e ao mundo, sem medo dos riscos, por isso arrisca-se. Vive intensamente, e vai construindo assim, frente aos objetos, às pessoas e ao mundo, suas percepções iniciais que influenciarão toda a sua subsequente compreensão de mundo. (MARTINS; PICOSQUE e GUERRA, 2010, 2010, p.89).

Na 3ª etapa levávamos para escola uma vitrine expositora montada especialmente para aquela escola com um tema acordado entre nós do projeto e a direção. Montávamos tudo e depois chamávamos as turmas e fazíamos a mediação, deixávamos um convite para que eles viessem até a UNESCO para conhecer o Museu da Infância. Na 4ª etapa os recebíamos na universidade mostrávamos o Museu da Infância e a UNESCO e fazíamos uma oficina artística com eles, normalmente com o tema da exposição que eles tinham acabado de visitar. Lembro bem da primeira escola que fomos a EMEIEF Filho do Mineiro, onde fomos muito bem recebidas pela diretora, que durante a primeira conversa de apresentação do projeto falou do tema da escola e então ficou combinado que a vitrine seria de bonecas e carrinhos. Durante os encontros das bolsistas, Jheniffer de Oliveira, Daiane Paes⁷ e eu pensamos em um personagem para fazer a apresentação da Vitrine Expositiva, então criei um personagem de *Boneca*. Chegamos na escola no dia marcado, montamos a vitrine e depois fomos nos arrumar para as crianças, onde a surpresa e encantamento foi algo surpreendente, elas queriam saber se era de verdade, ficaram muito curiosas com a boneca gigante, foi um sucesso.

[...] se uma experiência desperta curiosidade, fortalece a iniciativa e suscita desejos e propósitos suficientemente intensos para conduzir uma pessoa aonde for preciso no futuro, a continuidade funciona de modo bem diverso. Cada experiência é uma força em marcha. Seu valor não pode ser julgado se não na base de para que e para onde se move ela. (DEWEY, 1971, p.29).

Com o projeto “*O museu na escola*” fui em muitos lugares, tive a possibilidade de desenvolver mais ainda minha identidade de professor artista/ professor pesquisador/ professor propositor, porque as minhas experiências estão me transformando e me levando para esse lado, aprendi muito com as crianças, e acho que também ensinei muito a elas, e procurei fazer sempre por esse caminho mais lúdico, sensível e encantador. Com o museu veio a

⁷Jheniffer de Oliveira Pereira e Daiane Pais, colegas no curso de graduação em Artes Visuais Licenciatura pela UNESCO, e que foram bolsistas comigo no projeto de extensão “O museu na escola” em 2014.

oportunidade de participar dos grupos de estudos GEM⁸ e GEDEST⁹ onde pude pesquisar desenvolver um pouco mais, o pensamento crítico e compartilhar com colegas acadêmicos e professores pesquisadores, diferentes assuntos pertinentes à minha formação.

Independente da terminologia adotada, a questão é que a arte seja pensada, exercitada/desenvolvida no seu âmbito mais amplo, como um processo sócio histórico. Que ela realmente trabalhe na construção da identidade do indivíduo, que provoque reflexões intensas e constantes. Isso tem significado muito mais abrangente do que possa parecer. Denota repensar conceitualmente a arte, mas não só na educação, na vida de cada um de nós, seres humanos e implicados neste processo docente. (OLIVEIRA, 2005. p. 67).

Como por exemplo, as apresentações das produções acadêmicas na Semana de Ciência e Tecnologia da UNESCO que geram a oportunidade de a sociedade conhecer o que a Universidade faz e a relevância social dessas pesquisas, projetos de extensão e práticas de ensino para a comunidade, onde o pesquisador e extensionista pode divulgar o que fez durante um ano inteiro. Em 2015 eu, Jaline Nunes Eufrazio, minha colega Sheila de Souza Brigido¹⁰, orientadas pela professora Édina Regina Baumer¹¹, com o artigo de relato das experiências do projeto Museu da Infância nas Escolas, recebemos o reconhecimento da Semana de Ciência e Tecnologia, e nosso artigo foi escolhido para fazer parte do e-book, mostrando-nos que sim aprendemos e ensinamos através das experiências que nos acontecem.

Tive a oportunidade de participar do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) estudávamos sobre as aulas de Artes, de como estavam sendo nas escolas e o que poderíamos fazer para ajudar a melhorar ainda mais a qualidade do aprendizado em arte. Fazíamos observação em sala de aula, aprendíamos com os professores e eles aprendiam conosco. Esse programa tem o objetivo de proporcionar aos acadêmicos aproximação e inserção nos espaços escolares, realização em atividades e reflexões entre

⁸ GEM é um Grupo de Estudos sobre Museus.

⁹ GEDEST é um Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação Estética da UNESCO, com objetivo de favorecer a pesquisa integrada entre professores, alunos de graduação e de pós-graduação.

¹⁰ Sheila de Souza Brigido colega no curso de graduação em Artes Visuais Licenciatura pela UNESCO, e bolsista comigo no projeto de extensão “O museu na escola” em 2015.

¹¹ Édina Regina Baumer professora no curso de Artes Visuais e coordenadora do Museu da Infância da UNESCO

teoria e prática, estudos teóricos, promoção de leituras e escritas sobre arte e o ensino da arte, elaboração de materiais pedagógicos para o ensino da arte, a participação na elaboração de projetos e a participação e socialização das experiências em eventos científicos assim nos transbordando de vontade de estarmos sempre em busca do conhecimento sobre ensinar e aprender arte e suas transformações e atualizações, de nos deixar ainda mais perto da nossa futura profissão e familiarizados com o ambiente de trabalho, participando das atividades da escola como se já fizéssemos parte do quadro de profissionais dela. Contribuindo para nossa formação fora do campus da Universidade, para além das salas de aula, e contribuindo com projetos e ideias que auxiliem de novas formas de estimular a aprendizagem significativa para o ensino de arte e construindo a nossa identidade docente.

Na identidade docente estão presentes os conceitos, as relações que o professor estabelece com sua área de conhecimento, sua leitura de mundo, sua ética profissional e o valor que dá a sua profissão de professor e esta identidade é única, intransferível, não-traduzível. (OLIVEIRA, 2005, p.63).

Nunca vou esquecer a escola EMEIEF Oswaldo Hulse e muito menos a professora Karlis Rejane Fernandes da Silva¹² e aquela turma de 7º ano de 2014 e tudo que aprendemos juntos.

No começo estava bem perdida de como era o projeto e de que forma poderia contribuir com aquela professora e os desafios que teria de enfrentar com aquela turma. A cada dia de observação ideias surgiram, dúvidas também, mas lembrava dos ensinamentos dos meus professores, de como eles me motivavam na aula e os métodos que eles utilizaram para isso e me espelhei neles.

Então com os alunos participantes do projeto, fomos aos poucos nos conhecendo, nos reconhecemos, achamos os pontos que tínhamos em comum, e nos cativamos para as aulas, então experimentamos, acreditamos, demos confiança uns aos outros e o resultado foi maravilhoso, como podem ver na figura 3.

¹²Karlis Rejane Fernandes da Silva, professora efetiva da disciplina de Artes na EMEIEF Oswaldo Hulse desde 2006.

Figura 3 - Projeto Cultura Afro



Fonte: Acervo da pesquisadora

Porém mesmo com a imagem é muito difícil conseguir explicar tudo que ela representa para mim, e para todos que se envolveram com o projeto sobre a Cultura Afro desenvolvido no 2º semestre de 2014, na EMEIEF Oswaldo Hulse, São Francisco, Criciúma/SC pelo PIBID de Artes Visuais – UNESC.

Assim como homem nenhum vive ou morre para si mesmo, assim nenhuma experiência vive ou morre para si mesma. Independentemente de qualquer desejo ou intento, toda experiência vive e se prolonga em experiências que se sucedem. (DEWEY, 1971, p.16).

Fui muito feliz por todas as experiências que tive, e que foi de grande importância para a profissional que vai se formar. Muitas transformações aconteceram e ainda vão acontecer e estes projetos sempre farão parte de mim.

Além de todos os meus relatos até aqui trago para vocês o dos estágios obrigatórios e não obrigatórios que fiz, não irei descrevê-los, porém gostaria de pontuar que tenho a certeza de que eles têm extrema importância e de que realmente fazem a diferença na minha formação profissional/ sensível/ humana.

Não basta insistir na necessidade de experiência, nem mesmo em atividade do tipo de experiência. Tudo depende da *qualidade* da experiência porque se passa. A qualidade de qualquer experiência tem dois aspectos: o imediato de ser agradável ou desagradável e o

mediato de sua influência sobre experiências posteriores. (DEWEY, 1971, p.16).

Foi por eles que aprendi no dia a dia, pouco a pouco, diante de vários percalços, a admirar ainda mais a minha área de atuação, vendo onde podia melhorar e onde já estava acertando, refletindo qual o impacto da postura do professor frente à turma, e de como isso muda totalmente o rumo da história.

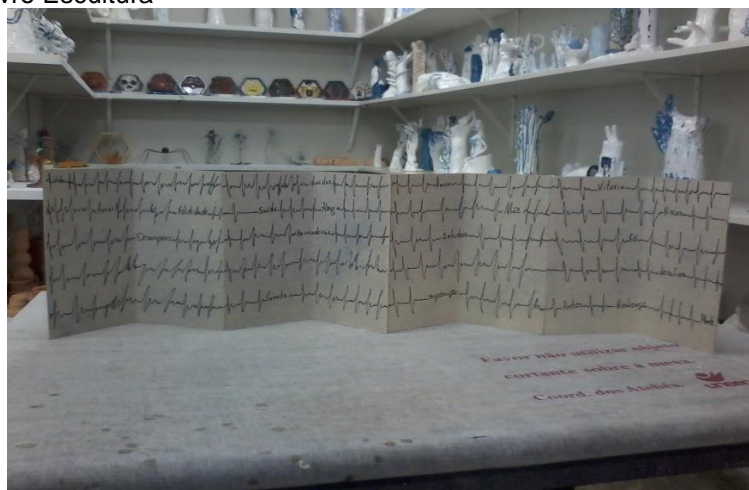
Observar o mundo com uma atitude estética requer olhar para além do que é estritamente literal ou utilitário. No trabalho com as artes, as crianças aprendem um modo diferente de ver a vida, que as leva a superar os limites impiedosos do prosaico e da praticabilidade e a apreciar as qualidades estéticas presentes nos objetos. Essa é uma atitude que as crianças pequenas já apresentam, mas que, infelizmente, vai sendo abafada no processo de escolarização. (ALMEIDA, 2001. p.32).

Nos estágios pude ver que as crianças/adolescentes têm paixão pela arte, depende da maneira como são apresentadas as suas linguagens, seus códigos. Um dos papéis do professor e da professora de Artes é se perceber como agente de transformação que pode mudar a educação promovendo em suas aulas a experiência estética que constrói olhares sensíveis.

3 TERCEIRA LOCALIZAÇÃO: ATELIÊS COMO ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIA

Tive ótimos espaços para que a experiência ocorresse durante a minha trajetória dentro do curso de Artes Visuais – Licenciatura. As experiências anteriores relatadas foram extracurriculares, mas a matriz do curso é bem pensada e elaborada de forma que nos permita ter experiências, como por exemplo: As aulas de ateliê trago o relato de uma das produções que fiz: *O livro escultura*, lembro que fiquei encantada pelas provocações que a professora de escultura e pesquisa fez porem por mais motivada que estivesse não conseguia materializar as minhas ideias, quando começava algo logo sentia que não era o que queria. (Lembro de uma palestra onde Antônio Nóvoa disse que a arte surge da necessidade) e com esta produção foi assim, enquanto eu queria não consegui, e no momento que eu tive uma necessidade de expor o que estava dentro de mim eu consegui fazer a produção. Com papel Paraná, arame, cola quente, tinta spray azul, caneta permanente preta, fiz 4 placas que fazem lembrar biombos de teatro e nessas placas escrevi emoções, e palavras que marcam muito minha vida. Porem estava passando por problemas cardíacos e trouxe este fato para essa produção as palavras foram escritas no decorrer das linhas que simulavam meus batimentos cardíacos, e que novamente minha vida estava sendo abalada, e para finalizar a produção perfumei de colônia de lavanda, pois é o cheiro mais marcante na minha vida, é o cheiro que me faz lembra da minha mãe cuidando de mim no hospital, onde mais uma vez eu voltei para ela. Por isso eu escolhi trazer o relato sobre a produção do *livro escultura*.

Figura 4 - Livro Escultura



Fonte: Acervo da pesquisadora

Os ateliês como espaço de experiência na formação nos trazem situações adversas, questionamentos, e nos fazem refletir sobre o fazer, sobre o tempo e ritmo de cada um, nos dando condições de melhor nos preparar para os acontecimentos que virão. Além de serem espaços de ligação de teoria/prática, professor/artista, aprender/ensinar, nos proporciona experimentar e conhecer materiais, seus instrumentos e procedimentos diversos, possibilitando a produção artística a apreciação por meios das exposições e a contextualização e fruição, até porque estamos sempre em processos de construção e investigação.

Um professor esteticamente mais bem formado cultivará (eis um pressuposto somando à esperança) um comportamento especial no cotidiano escolar, porque olhará de modo especial os seus alunos, verá neles artistas em potencial, respeitando essa possibilidade, acreditando nela como realidade alcançável. (PERISSÉ, 2009, p.54).

Do curso percebi que muitos alunos ainda não têm essa visão, não estou aqui querendo entrar na questão de quem está certo ou errado, mas na questão de que esses espaços ricos em possibilidades de experiência muitas vezes não estão sendo aproveitados e encarados como deveriam, quando na verdade são de extrema importância para a formação.

É necessário refletir que quem ensina arte se permita a primeiro ter a sua experiência com a arte, que busque, investigue, que comece uma trajetória. E os ateliês nos permitem dar os primeiros passos para o nosso encontro com o fazer artístico, com propriedade, com qualidade, com espaços que nos permitam movimentos de estudos.

Os ateliês me proporcionam momentos únicos e inexplicáveis de satisfação, criatividade e de conhecimentos que se transformaram em experiências valiosas e que me transformam todos os dias, vejo que por meio do ensino da arte muitas barreiras de socialização são quebradas e conseguimos alçar voos mais altos.

A arte promove um conhecimento que exige do aluno uma interação de si mesmo com ela, pois de alguma forma sua produção é algo que ele sente, reconhece e produz. Lavelberg nos aponta que: “Aprender arte envolve a ação em distintos eixos de aprendizagem: fazer, apreciar, e refletir sobre a produção social e histórica da arte, contextualizando os objetos artísticos e seus

conteúdos” (2003, p.10). Por isso os encontros possibilitados pelo curso presencial, para mim, fazem uma grande diferença, pois eu aprendo nas relações que faço, nos debates e trabalhos desenvolvidos e além das viagens de estudo, aulas inaugurais, palestras, seminários entre outras oportunidades que tive a o privilégio de participar.

É estranho como muitas vezes fazemos as coisas sem nos darmos conta de que toda ação reflete algo em alguém, pode ser só em nós mesmos, em quem está próximo ou até mesmo quem está longe, principalmente falando de arte. Um exemplo disso é que fiz em uma abertura de palestra uma ação performática, onde eu entrava numa cadeira de rodas e durante a música, eu ia pintando um tecido e me pintando com a tinta, e assim sendo libertada pela arte, e terminava dançando de pé e falando um poema de Mario Quintana, que diz.

DEFICIÊNCIAS

“Deficiente” é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.

“Louco” é quem não procura ser feliz com o que possui.

“Cego” é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.

“Surdo” é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.

“Mudo” é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.

“Paralítico” é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

“Diabético” é quem não consegue ser doce.

“Anão” é quem não sabe deixar o amor crescer. E, finalmente, a pior das Deficiências é ser miserável, pois:

“Miseráveis” são todos aqueles que não conseguem falar com Deus.

(Mário Quintana)

Essa produção foi muito significativa por me tocar de tal forma e aos espectadores também, a maioria chorou, se emocionou, e aplaudiu, tanto que fui convidada a recriá-la outras vezes até mesmo fora da Universidade. Além de muitas pessoas que não me conheciam comentarem até mesmo comigo sobre, sem saber que eu que tinha feito aquela produção. Achei bem interessante, pois a produção tocou as pessoas independentemente do artista que havia feito.

Oliveira (2005) enfatiza: “Um professor não é competente porque dá uma boa aula. Ele é competente quando consegue articular os diferentes saberes e der significado ao que ensina” (p.66) ou seja, um professor que sabe do seu papel na formação dos seus alunos. Neste aspecto é importante lembrar que a formação do aluno não depende só do professor, o aluno também tem que querer aprender.

O papel do educador, da família, da escola e do meio têm uma extrema importância no desenvolvimento da criança, pois podem ser os mediadores entre ela e o mundo, dando suporte para o amadurecimento dos seus processos psicológicos, cognitivos e perceptivos. (BALESTRERI, 2005. p.129).

O papel do professor muitas vezes é fundamental em algumas das escolhas dos alunos por isso que como uma professora de Artes Visuais em formação, preciso e procuro ampliar meu repertório artístico e cultural, para me formar num todo e das mais variadas formas.

Neste aspecto a UNESCO proporciona em suas várias atividades culturais momentos para se fazer cumprir isso. No projeto Quintas Culturais, com exemplo na figura 5 minha primeira participação já nos primeiros meses de curso, com a declamação performática de um poema autoral, e com as apresentações de dança, música, teatro, poesias, mostra fotográfica, entre outros. Ali os acadêmicos podem tanto participar quanto

Figura 5 - Meu amor é a?



Fonte: <http://www.unesc.net/portal/blog/ver/213/25594>

apreciar momentos de extrema riqueza cultural. Nas aberturas das exposições realizadas no campus com a participação da comunidade e também do Coral e Musical UNESCO e da Cia de Dança da UNESCO que proporcionam uma aproximação com algumas linguagens da arte. Iavelberg (2003) relata: “O papel do professor é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte” (p.10). Se estamos conectados ao assunto a ser tratado, no caso a arte, teremos mais verdade para passar para os alunos, então todos os espaços de formação cultural formal e não formal dentro do campus devem ser aproveitados, pois é a possibilidade de experiência e de formação de novos olhares, pois como meus professores me ensinaram que a gente só dá aquilo que a gente tem.

4 QUARTA LOCALIZAÇÃO: FORMAR-SE NÃO É APENAS INFORMAR-SE.

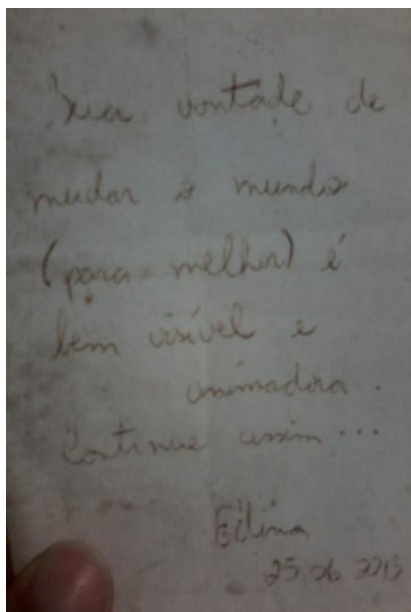
A arte é formativa, porque dá forma a sentimentos e idéias [...] e acrescenta [...] Mas também é formativa quando nos forma, quando forma e transforma nós próprios. Quando nos faz intuir, sentir, captar de modo denso e profundo algo que de outro modo teríamos grande dificuldade para descobrir. (PERISSÉ, 2009, p. 52).

Trago um ponto de vista de que devemos ter consciência ao escolher uma profissão e estarmos dispostos a assumirmos com plenitude e dedicação as atribuições e responsabilidades que vêm com essa escolha. Nos formar profissionais capacitados e dispostos a aprender e a nos reinventar sempre, pois:

Os estudantes têm o direito de contar com professores que estudem e saibam arte vinculada à vida pessoal, regional, nacional e internacional. Ao mesmo tempo, o professor de arte precisa saber o alcance de sua ação profissional, ou seja, saber que pode trabalhar para que seus alunos também construam uma cultura estética e artística que expresse com clareza a sua vida na sociedade. O professor de arte é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos em artes. (LOPES; RODRIGUES, 2005. p.217).

A arte deve ser algo muito significativo na vida de quem a ensina para que o aluno sinta essa relação e queira participar, é o que muitos dos professores me fizeram sentir. Iavelberg (2003) argumenta: “É necessário que o professor

Figura 6 - Paixão por ser professor



Fonte: Acervo da pesquisadora

seja um “estudante” fascinado por arte, pois só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir a seus alunos a vontade de aprender” (p.12). O ensino da arte na formação humana vai além da sala de aula, dos muros da escola, é para a vida, e devemos ter essa compreensão e cuidado ao nos preparar como futuros professores de Artes Visuais. A figura 5 corresponde a um bilhete que minha professora Édina Regina Baumer teve o carinho e a sensibilidade de me dar ao final do primeiro semestre do curso de Artes Visuais – Licenciatura no dia 25 de junho de 2013.

Deixar-se formar pela arte não envolve, necessariamente, saber explicá-la. Antes de tudo, e depois de tudo, a formação estética do professor (muito longe de formações pasteurizadas) consiste em que ele veja melhor o que está vendo, ouça melhor o que está ouvindo, saboreie melhor o que está saboreando. (PERISSÉ, 2009, p. 53).

Até porque como diz Dewey (1971) “[...] o princípio de continuidade de experiência significa que toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subsequentes” (p.26). Se mudarmos nossas atitudes diante a nossa formação e estivermos abertos à experiência deixando que ela nos mova e nos mude, como futuros professores estaremos indo pelo caminho da reinvenção. Bondía nos diz que: “[...] pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular”, como nos tem sido ensinado muitas vezes, mas é sobre tudo dar sentido ao que nos acontece” (2002, p.21). O tempo que nos damos para fazer as coisas, quer dizer a falta de tempo, nos tira a possibilidade de experiência, sendo que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.(BONDÍA, 2002. p.24).

Por isso é importante que em sala tenhamos esse olhar e esse tempo para que hajam possibilidades de experiência. Quando o professor se preocupar em proporcionar o contato com a diversidade, a cultura e principalmente fazer relações com o repertório do aluno, mais significativas serão suas propostas. Organizar a dinâmica do ensino da arte, incluindo as propostas que envolvem o conjunto de linguagens da arte, considerada importância destas para o desenvolvimento integral do ser sensível.

Para atuarmos em nossa profissão com qualidade devemos estar sempre prontos a aprender a aprender, ou seja, ensinar, mas também saber escutar e aprender com o aluno, que o ensino seja uma troca de saberes. Ter sempre conteúdos bem elaborados e com fundamentos, pois não se pode ensinar o que não se sabe.

Os espaços escolares têm limitado a expressão, às vezes pelo professor que também não se expressa ou por práticas que não favorecem em nada e até inibem a expressão dos alunos. O que devemos ter como meta enquanto professores em formação é planejarmos práticas que possibilitem espaços para potenciais experiências. Se ampliarmos diálogos sobre a realidade podemos ampliar espaços e tempos para o desenvolvimento da experiência.

Vemos muitas metodologias que auxiliam no processo de construção do sujeito, principalmente na escola, mas sabemos que as crianças chegam na escola com muitas informações, mas informação não é conhecimento, e é através da experiência que aprendemos e desenvolvemos o conhecimento.

A informação está espalhada por todos os lados, todos os dias somos afogados em informações, porém precisamos ter o cuidado de não fecharmos os olhos para elas e sim de trazê-las para a sala de aula e assim promover reflexões, apontamentos, auxiliando na compreensão e na aprendizagem, suscitando o desenvolvimento de habilidades que possam ajudar nossos alunos em sua formação. Ou seja, é importante que sejamos profissionais dinâmicos e atentos às realidades a nossa volta. Um profissional capaz de mostrar vários caminhos para um mesmo objetivo, mostrar que nada é só uma coisa, que podemos mudar, transformar, que estamos todos os dias nos recriando. Proporcionar aos seus futuros alunos, e quando falo alunos me incluo, formas de viver a arte em seu dia a dia, levando-os a produzir, porque a arte está dentro de cada um de nós, fazê-los pensar, falar, ler, e escrever sobre arte.

Refletir sobre a formação dos professores e suas experiências e ter encontros com sensibilidade é possibilitar o brincar, conhecer, e expressar-se através do corpo, ajudando a construir a autoconfiança. Esse professor deve estar em constante formação e ampliação dos aspectos estéticos, que o fazem sentir e encantar-se por sua profissão.

O professor que dança, canta, pinta, desenha, esculpe, fotografa, que faz arte, não necessariamente tem que ter habilidade e perfeição, mas o mínimo contato e conhecimento nas linguagens artísticas para ter diversidade, criatividade e imaginação nos seus projetos. Não esquecendo de que:

[...] o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo

acontecimento, não fazem a mesma experiência. (BONDÍIA, 2002, p. 27).

É necessária uma educação significativa principalmente na formação de professores, pois é essencial para o seu desenvolvimento profissional. Devemos nos perceber como adultos que se permitem brincar, que reconhecem suas potencialidades promovendo outros movimentos, diferentes encontros e aprendizagens.

5 QUINTA LOCALIZAÇÃO: UM PROJETO DE CURSO

Título: O homem jamais pode viver sem sonhos: uma proposta de formação de professores e professoras de Artes.

Ementa: Relações entre o real e o imaginário. Reflexão sobre a experiência. A formação estética e sensível. Pesquisa de materiais e criação artística.

Carga Horária: 20h/a - 5 encontros de 4h cada

Público-alvo: Professores e professoras de Artes

Justificativa:

A arte como campo de conhecimento contribui para o crescimento dos sujeitos, seja individualmente desenvolvendo a capacidade expressiva, criativa, crítica e artística, ou coletivamente, promovendo o exercício da cooperação, do diálogo, do respeito, da reflexão, da aceitação de diferenças, e muito mais.

O projeto aqui exposto baseia-se na ideia de formação continuada. Uma formação que precisa ser permanente, assim como a motivação pela pesquisa, pela experiência e pelos encontros que o professor e a professora de Artes precisam ter. Em especial nesta proposta trago a formação estética e sensível do ser professor, sem a preocupação de trazer receitas a serem aplicadas com seus alunos na escola.

A experiência estética tem essa característica de desestabilizar provocando-nos sempre a buscar o equilíbrio, e esse movimento, esse acontecimento, pode ser capaz de produzir novas sensibilidades e maneiras de pensar. (HONORATO, 2015, p. 63).

Esta proposição enseja gerar em cada um dos participantes e no grupo, experiências sensíveis e estéticas perante a arte que tanto nos fascina. Bondía nos diz que: “[...] experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (2002, p.25). Buscar experiência com a arte nesta ocasião de reunir professores de Artes.

Objetivo Geral: Possibilitar a experiência por meio do encontro com as linguagens da arte, articulando a percepção, a emoção, a sensibilidade, e a reflexão na realização de produções artísticas.

Objetivos Específicos:

Reconhecer a partir de reflexões a importância da experiência na formação;

Desenvolver possibilidades de pesquisa de materiais,

Reconhecer na criação artística, meios sensíveis e estéticos de poetizar a vida;

Possibilitar espaços que estimulem e proporcionem experiências sensíveis e estéticas.

Metodologia:

1º encontro: Iniciaremos nos apresentando e falando sobre a proposta do projeto e como cada um se vê ali. Proporei algumas reflexões a partir do texto: *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*, de Jorge Larrosa BONDÍA, fazendo relação com minha pesquisa e a importância de estarmos abertos às possibilidades de experiência, tendo a nossa formação pessoal totalmente ligada à nossa formação profissional. Depois desta conversa apresentarei o filme: *O segredo de Eleonor*, filme francês, lançado em 2009, que recebeu diversos prêmios em Festivais, e foi o favorito no 8º Festival Internacional de Cinema Infantil, além de ser totalmente desenhado à mão sem nenhum recurso computadorizado. Pedirei a cada um que não somente olhe, mas que veja; que não somente ouça, mas que escute e que se deixe ser levado pela história. A partir do filme as demais propostas serão desenvolvidas. Ao final da sessão, entregarei um roteiro de questões para que eles levem consigo, respondam e tragam no próximo encontro.

2º encontro: Neste encontro proporei uma roda de conversa e a socialização das respostas às questões do roteiro, promovendo um debate sobre como foi para cada um refletir sobre o filme e que acontecimentos isso trouxe. Com esta bagagem convido-os a pensarem sobre outras histórias e produções em Artes Visuais que os provoquem a criar, pois a próxima etapa será o espaço da

produção artística, da criação. Eles poderão escolher produzir sozinhos ou em grupo. Pode também escolher qualquer linguagem visual: instalação, desenho, escultura, vídeo, fotografia, pintura, ou mesmo mais de uma linguagem. É necessário que definam minimamente sua proposta para que os espaços e os materiais sejam providenciados. Proporei que no próximo encontro já tragam um esboço de suas produções.

3º encontro: Neste encontro os participantes socializarão seus esboços com o grupo, e com os materiais e espaços preparados, cada participante ou grupo se organizará e começará a realização de suas produções.

4º encontro: Neste encontro daremos continuidade à criação das produções. Nesse dia as produções deverão ser finalizadas e entregues a mim para podermos pensar a socialização/exposição.

5º encontro: No último encontro iremos a um espaço previamente preparado com as produções dos participantes do projeto, onde faremos a apreciação de suas produções. Na sequência proporei uma roda de conversa para socializarmos e refletirmos sobre a experiência, o que ela trouxe de mudança no olhar de cada um, o que os atravessou, o que os motivou, e o que os transformou.

Referências do projeto:

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/abr, 2002.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes:** Espaços do Possível. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, 2015.

<http://festivaldecinemainfantil.com.br/2011/static/content/pdf/o-segreto-de-eleanor.pdf>

6 PONTOS DE ENCONTRO SOBRE ESSA VIAGEM

Esta pesquisa foi um mergulho na minha história e em como a arte sempre esteve presente nela antes da universidade, o que considero fazer parte da minha formação como sujeito ativo e potente. Um mergulho nas experiências que a universidade me proporcionou, meu contato com projetos e demais ações culturais que fazem parte da minha formação, as aulas na graduação e em especial nos ateliês – espaços de experiência.

Este caminho percorrido pela minha história objetivou reforçar as convicções de que somos responsáveis por nossa formação, como pessoas, profissionais, seres sensíveis. Que podemos ter à nossa disposição os melhores recursos e profissionais, mas quem deve querer somos nós, e que devemos ter consciência da responsabilidade que teremos ao escolher a profissão docente, uma profissão que possui um grande compromisso com a sociedade.

Encantei-me pelo curso e principalmente pelos professores, justamente por eles nos incentivarem a nos formar amplamente. Com eles, com os projetos, os ateliês e com os espaços de promoção cultural aprendi o quanto a arte é fundamental na vida das pessoas.

Trouxe a vocês reflexões sobre o que me move, tendo como objetivo a experiência na formação de professores e professoras em Artes Visuais.

Alguns apontamentos sobre o que se compreende por experiência, como percebo os espaços e as potencialidades presentes na universidade. Construir conhecimento sobre os conceitos de experiência, educação e arte; a partir da minha experiência como professora em formação.

Busquei trazer de forma a/r/tográfica um debate entre meus relatos e os teóricos sobre as questões apresentadas neste estudo que se propõe e dá possibilidades de reflexão sobre as intersecções da vida, da arte, da pesquisa e do fazer docente. Com a pesquisa, mostrar como a experiência na graduação, aqui em especial Artes Visuais, é importante para a formação sensível, estética e humana dos futuros professores e professoras.

E é na experiência que o homem, por meio de seus sentidos, reconhece o mundo ao seu redor e reconhece a si mesmo. Esse reconhecimento se dá por meio do juízo reflexivo com base em suas atitudes que acontecem por conta de saberes que ele vai adquirindo durante sua vida. (HONORATO, 2015, p.48).

Deixando evidente a importância de nós, estudantes, termos uma boa formação e de estarmos sempre abertos às possibilidades e as diferentes formas de nos formar. Convidar a cada um de vocês a se perceber e refletir sua postura perante a sua formação e o engajamento com que o fazem. Assim mostrando-lhes meus caminhos, minhas direções, meus condutores para tal reflexão.

Uma reflexão sobre o papel da graduação na formação do professor e da professora de Artes Visuais. Um pensar sobre a necessidade de, depois de diplomado na graduação, continuar formando-se de diversas maneiras. Uma caminhada buscando promover pensamento constante e a cada instante sobre a arte, seu ensino e seu lugar na vida de cada um de nós.

Em meu percurso tive a oportunidade de sentir cada dia mais forte essa paixão pela arte que se transforma em felicidade, em prazer, em algo mágico. Fui apaixonando-me pelos ateliês e tendo a convicção que eles têm extrema importância e de que realmente fazem a diferença na minha formação profissional/ sensível / humana.

Foi por todos esses espaços que a universidade possibilita que aprendi a admirar ainda mais a minha área de atuação. Nos estágios pude ver a importância do professor e da professora de Artes de se perceber como agente de transformação, promovendo experiências estéticas para a construção de olhares sensíveis.

O sensível não é a escrita do livro, não é a pintura da tela, não é o aspecto material, mas sim a externalidade do que sou. É o que está entre. Esta forma de pensar o humano, para mim, é a forma de pensar a experiência. Uma busca pela quarta dimensão do instante-já que é possível. (HONORATO, 2015, p. 43).

Para isso também é necessário refletir sobre quem ensina arte, se permita a primeiro ter a sua experiência com a arte, e que os ateliês nos permitem esse primeiro encontro com o fazer artístico.

Os ateliês proporcionam momentos únicos e insubstituíveis que se transformaram em experiências todos os dias, isso é importantíssimo para uma educação significativa principalmente na formação de professores.

Procurei discorrer enquanto lhes contava algumas de minhas experiências sobre a importância da arte, na formação dos alunos e como futuros professores, devemos ter sempre a direção de que nossa formação deve ir para

além dos conteúdos, e é muito mais que isso, é viver arte, querer arte, é ser consumidor, mas também produtor de arte.

Como os espaços promovidos pelo curso de Artes Visuais e pela UNESCO são fundamentais para a formação de seus acadêmicos e que eles possam ver todo esse potencial. Que nossos alunos nos marquem e que façamos a diferença na vida deles.

Respeitar e fazer valer nossas escolhas enquanto profissionais do ensino da arte. Que assim como minha mãe plantou uma semente em mim, que foi o gosto por aprender e ensinar, que a minha formação deixe ainda mais viva essa vontade, e espero que com essa pesquisa eu tenha também deixe essa mesma sementinha em alguém.

Meu caminho só está começando, porém penso estar na direção certa, procurando me formar mais amplamente para ter meios que me possibilitem ter uma atuação de qualidade e uma satisfação profissional. Espero que minha pesquisa tenha passado de forma clara meus caminhos e apontamentos e de como eles são parte fundamental na minha formação como futura professora de Artes Visuais e agradecer aos autores que trouxe nessa caminhada que me ajudaram a reforçar meus estudos e pensamentos.

O Curso de Graduação em Artes Visuais – Licenciatura na UNESCO foi a realização de um sonho, uma grande viagem repleta de experiências únicas e insubstituíveis com colegas e profissionais extraordinários que de algum modo me passou, me aconteceu, me transformou, me mudou.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Concepções e práticas artísticas na Escola.** In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

BALESTRERI, Laudete Vani. No quintal do parque, o mundo da arte. In: Oliveira, Marilda Oliveira de; Hernández, F. **A formação do professor e o ensino das artes visuais.** Santa Maria, RS: UFSM, 2005.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

DEWEY, John. **Experiência e educação.** São Paulo: Nacional, 1971. 97 p.

DEWEY, John. **A escola e a sociedade: a criança e o currículo.** Lisboa: Relógio D'água, 2002.

FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

IRWIN, Rita L; SPRINGGAY, Stephanie. **A/r/tografia como forma de Pesquisa Baseada na Prática.** In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia.** Santa Maria: UFSM, 2013. p. 147.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes: Espaços do Possível.** 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, 2015.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

LOPES, Ivana Maria Nicola; RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. **Despertando sensibilidades na formação de professores de Artes.** In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando. **A formação do professor e o ensino das artes visuais.** Santa Maria, RS: UFSM, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo.** 1. ed São Paulo: FTD, 2010. 206 p.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, F. **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, RS: UFSM, 2005.

PERISSÉ, Gabriel. **estética & educação**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

VIANNA, Tiche; STRAZZACAPPA, Márcia. Teatro na Educação: **Reinventando Mundos**. In: FERREIRA, Sueli(Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus, 2001.